



REDACÇÃO PRINCIPAL—  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL

End. telegr. Talha—Lisboa • Telefone: 2

Officinas de impressão—Rua da Alameda, 134

## CARIDADE...

O Carnaval apresenta-nos sempre, em flagrantes contrastes, dolorosas comédias. De todas elas a que mais nitidamente marcou a corrupção de costumes e o contra-senso desta velha sociedade decadente foi, sem dúvida, a comédia da caridade.

Foi esta largamente exercida por damas aristocráticas e burguesas, que O Século aristocrático na sua notícia de anteontem acerca dum baile realizado na Liga Naval. Houve luxo e automoveis caros até às portas desta oficina. Tudo isto, segundo a mesma folha, com fins caridosos, sentimentais.

Não é a primeira vez, nem decerto será a última, que as classes mais abastadas—desde a burguesia em que a aristocracia—neciam interesse-se pelos pobres, pelos párias que arrastam a sua miséria por essas ruas, ao sol escaldante, à chuva e ao relento, e pelos envergonhados que escondem a sua sorte no fundo de casebres escuros onde não entra o sol nem ar puro, mas penetra o frio e o menor augeiro.

Não foi a primeira vez, porque mesmo fora da época carnavalesca, a caridade, deusa salvadora... dos ricos, exerce-se por meio de bodes de Natal, festas de flor e, dia a dia, pelos sacramentais de rezar, piedosamente oferecidos aos que, à porta das igrejas ou às esquinas concorridas, estendem a mão pálida e esquecida.

Mas, apesar da acção constante, determinada por submisso, dos filantropos e das caridosas damas, a miséria dos pedintes profissionais e a pobreza franciscana dos trabalhadores, agravam-se, aumentam vertiginosamente. Não é pelo facto dessa filantropia caricata ser tenaz e, na maioria das vezes, hipocritamente pródiga, que o mundo se endireita e o trabalhador ou o mutilado da guerra tem um prato ao jantar ou um par de botas decente.

No geral critério dos que tem pos, tudo quanto se dá ao mais pobre constitui favor, bondade de coração, a que qualquer pode furtar-se sem que deça na consideração do mundo, e nunca constitui o dever que o homem tem de tratar o homem como seu igual. E o Estado, feito por e para gente enriquecida, segue as mesmas pisadas, adopta a mesma crença hipocrita que é, segundo o seu critério, a mais bela e humana. E por isso mesmo, ela repara dos seus coíres determinadas importâncias a favor dos hospitais, das casas de saúde, dos asilos, da assistência, a fim de facilitar comodidades aos sem-vinte, coitados, bem dignos de dó. Mas estes actos nunca são considerados obrigação, mas sim sacrifício.

Sacrificam-se as finanças da nação para acudir às instituições de beneficência; sacrificam-se as meninas finas a vir em alegre risota pelas ruas, espantando florinhas de pano crê na lapela dos beneméritos; sacrificam-se as damas aristocráticas a envergar as suas sedas de talles esbeltas, a percorrer, reclinadas nos seus autos estofados, o longo caminho que vai do palácio aos salões de baile, a ouvir ali madrigais gentis, a ver o seu nome na crónica elegante do Século, a dançar durante uma noite inteira até às oito horas da manhã seguinte, para aliviar a dor dos que nada tem, dos que não se sacrificam em dansas e alegres pândegas. Realmente é amargo, é doloroso tal sacrifício e bem merece ele uma coluna de prosa a enaltece-lo.

Gasta o Estado milhares de contos na alimentação de ilustres parasitas que para aí vegetam. É justo, é um dever. Não se lhe pode exigir, portanto, o sacrifício de acudir aos pobres, de satisfazer as reclamações dos que

trabalham. Quando, por excepção, a sua generosidade desprende altos vóos que vão até à dádiva de algumas notas de moeda tostão aos estudantes pobres ou aos hospitais civis, esse gesto deve ser eternamente agradecido pelos beneficiados.

Agarra-se nalguns punhados de operários e camponeses e mandam-se morrer nos campos de França, defendendo os que cá na terra tem dinheiro a juros ou grandes propriedades. Nada há de mais leal, de mais recto.

Por isso as senhoras ricas veem vender as flores de pano, as transeantes do Rossio. Choram as viúvas lágrimas amargas para obter uns vinténs para alimentar os filhos. Mas a caridade tudo salva: gasta-se uma fortuna e compra-se um vestido de soirée, dispõem-se quantias fabulosas no automóvel, nos bôlos, no vinho, nos ornamentos da sala, no carmin para os lábios, no lãpis para as olheiras, nas rendas e nos bordados e destina-se a centessima ou décima parte das despesas aos pobres... Coitados!

E é assim que se gosa a vida e dão esmolas ao povo faminto com o dinheiro desse mesmo povo.

Comédia, eterna comédia! Esbanjam-se fortunas em solenes pompas para dar dez réis a um mendigo!

A prática de tal caridade é uma maneira hábil de ludir os direitos do povo. Mas o povo já não confia nesses paliativos e nessa amizade espantosa impressa nos jornais burgueses. Descre da caridade da condessa e do bom coração do mercetiro enriquecido à custa do estômago alheio. Ele sabe que há qualquer coisa que a filantropia esconde sob o seu manto de seda; ele cre em algo mais alto e mais belo que a caridade não dá—a igualdade social.

E se algum rico há que verdadeiramente se comova com a desgraça dos outros, não deve manchar os seus bons sentimentos com as caridosas comédias; que qualquer coisa mais a fazer do que dar esmolas.

Krapotkine era rico e era príncipe e, perante o desenvolvimento social, não escolheu a esmola para aproximar-se dos pobres, dos humildes; encontrou o melhor meio de ser útil à sociedade: abdicou dos títulos, das honras e da fortuna para estudar os verdadeiros males e atacá-los. Malatesta também pertencia à nobreza e seguiu o exemplo do primeiro. Tolstói, de cond tornou-se um apóstolo, vestindo e trabalhando como o povo que sofre.

E tudo quanto não seja criar igualdade de circunstâncias, entregar todo o seu esforço, energia, vida, uma palavra, a causa da libertação humana, é incompleto, é ninharia, é gota de água num oceano.

Damas aristocráticas e senhores burgueses! Se algum de vós exerce sinceramente a caridade, abri os olhos e vede que por muitas esmolas que possa dar, nenhuma desfaz a afronta da vossa riqueza imerecida. Se quereis ser verdadeiramente úteis, deixai a vossa fortuna, que é a dor dos miseráveis; abri os vossos palácios aos que não possuem um casebre onde abrigar os ossos e deem tanto direito à comodidade, ao lar quente e confortável como vós; restitui a terra aos que trabalham e trabalhei com eles; integrai-vos no povo e labutai pela vida, como ele labuta; formai com os trabalhadores, subindo à igualdade de trabalhador, o mundo de iguais feito por iguais e vereis, então, como a caridade é inútil e falsa. E vereis, então, como a igualdade, o amor e a paz são belos e o Homem pode ser feliz!

sempre com oito a dez dias de atraso em consequência da falta de trocos. Portanto, considero apenas como meu salário \$11, quantia com que concorro.

Sou, como vêdes, uma vítima da injustiça social, que é a consequência do desprezo que os trabalhadores temem votado pelos seus interesses económicos e morais, mas agora esses raios de luz que nos vem da grande Revolução Social do Oriente tem-nos iluminado o espírito há tanto tempo estava mergulhado na treva.

O monumento há de ser um facto. Continuai com o mesmo entusiasmo para que os detentores da riqueza vejam de quanto sois capazes. Terminai saudando-vos a grande iniciativa. Alfredo de Amorim.

**Uma festa no Salão dos Anjos**

O Grupo Dramático da Juventude Socialista, informa-nos que a festa em benefício da Casa dos Trabalhadores, e deve realizar no Salão dos Anjos, no dia 22 de Março próximo, para o que já está contratada a casa.

O programa deve ficar organizado esta semana, pensando-se em levar à cena o drama em 3 actos intitulado A greve.

**Relação dos contribuintes**

Sindicato Unico da Construção Civil de Lisboa

Lista n.º 5—Joaquim Ferreira Junior, 350; José Luis Guerra, 350; Francisco

Henriques Alexandre, 350; António Ribeiro, 350; Joaquim Loureiro, 350; Moraes

Gonçalves Cruz, 350; Adolfo Fontes, 350; Mário Silva, 350; Leonardo Oliveira, 350;

António Pereira, 350; Sabino Raimundo, 350; Augusto Joaquim Silva, 350; Horácio

Queiroz, 350; José Coutinho, 350; Bonaventura Pereira, 350; Joaquim Costa, 350;

João Gomes Mascato, 350; Francisco Gomes Mascato, 350; Luís Cardoso, 350;

Barbado Matos Silva, 350; José Roberto, 350; Manuel Rodrigues, 350; Cristiano Marques, 350;

João Mendes Amaral, 350; J. C. Silva, 350; António Fernandes, 350; António

Queiroz, 350; José Jorge, 350; Manuel José Silva, 350; Manuel Santos Carvalho (2 dias);

Paulo Pereira, 350; José Bernardino Monteiro, 350; António Francisco Silva, 350; António Parreira, 350; José dos

Santos, 350. Total desta lista, 9500.

## A situação de A BATALHA

Não tem sido em vão que, sempre que se nos alguma perigosa a situação de A Batalha, lancamos um apelo à classe operária, que este jornal defende. Dizemos que não tem sido em vão porque, sempre que o temos feito, acorrem os organismos sindicais e os indivíduos a trazer-lhe um pouco do seu esforço, quantas vezes tirado ao próprio suor, como nós, do trabalho vivemos.

Tal atitude nos satisfaz e encoraja a prosseguir nesta tarefa que, embora com sacrifício, nos impuzemos. Mas esse auxílio isolado, que todavia é valioso, não é o bastante para o momento que passa. É preciso que as classes saibam medir até que ponto crescem e que a natureza são as dificuldades que agora surtem.

A Batalha tem recebido, até hoje, de auxílios, da venda de acções, obrigações, festas, etc., cerca de 6.000 escudos e, até Novembro, viver dos seus próprios recursos, isto é, da sua venda. Começou, em Dezembro a desenharem-se a situação que hoje se manifesta, não porque fossem apontadas as receitas, mas sim porque a carestia constante do preço do papel, o aumento do preço da composição, uma pequena melhoria nos ordenados do seu corpo redactorial e administrativo, etc., vieram onerar sensivelmente os nossos encargos e pôr em desequilíbrio a receita e a despesa.

O produto de auxílios, acções, festas, etc., que constituía o fundo de reserva de A Batalha, dar-lhe ia para ir custeando o deficit mensal durante algum tempo, mas nem isso era lógico que se fizesse, porque tal fundo não era tamanho que não se esgotasse em quatro ou cinco meses, mas também porque desse fundo de reserva temos nós empregado na tipografia, instalações, móveis, livraria, etc., uma soma que passa de 4.000 escudos.

Dá a necessidade de lançar o nosso grito de alerta, que o operariado deve ter em conta, para que esta vez que é sua já mais se cale.

Continuamos registando o auxílio prestado à Batalha por vários amigos e colectividões:

Transporte...	2.763\$03
António José Peixinho...	1500
Terceto Social...	2550
O Sonho do Povo Universal	1550
Nárboto Botas...	500
Norberto Teixeira Carvalho...	380
Um sócio da Associação dos	
Inscritos Marítimos...	8800
Filipe Nery...	335
Manuel Maria da Silva...	1800
Amadeu Guerra...	1300
Gabriel Duarte...	550
António Pais (Pórtio)...	350
Eduardo Cardoso...	330
Sebastião Brito e Benjamim	
Gomes...	1805
Quêntum jantar de anos...	2550
Jacinto Pereira...	3800
António Sá Júnior...	1500
João Henriques...	1800
Fernando Gonçalves Pereira...	550
Officina de carpintaria na	
R. Correio, 47 (4.º sem.)...	5568
M. A. Cruz...	550
António Matos...	550
Augusto Neves Duarte...	550
Manuel Tavares...	550
Manuel Pereira...	1800
Soma...	2.803\$81

## A duração do trabalho na Rússia

Como tem dado muito que falar a notícia espalhada por várias agências sobre a introdução das 12 horas de trabalho na República dos Soviéticos, é bom recordar o horário de trabalho sob o qual foram produzidas todas aquelas imensas riquezas que lá se encontram, à espera do levantamento do bloqueio pelos aliados.

Segundo o decreto de 19 de Novembro de 1917, foi resolvido que daí em diante a duração de trabalho em todas as empresas não devia passar de 8 horas por dia, incluindo o tempo necessário para pôr as máquinas a laborar e tudo em ordem.

Séis horas pelo menos depois de começar o trabalho, devia estar ser interrompido para que o operário descansasse e se alimentasse.

Era proibido empregar crianças com menos de 14 anos, as que tinham menos de 18 não trabalhavam mais do que 6 horas por dia.

Nos trabalhos subterrâneos era proibido empregar mulheres e adolescentes com menos de 18.

O total das horas suplementares de cada operário não podia passar de 4 horas por semana.

Nem as mulheres, nem os jovens com menos de 18 anos faziam trabalho suplementar.

Todos os operários e empregados tinham direito, depois de seis meses de trabalho, a descansarem um certo número de dias (em 1918 eram duas semanas), continuando a ganhar o seu salário.

As empresas que trabalhavam 15 horas por dia, tinham duas equipes de empregados, e as que se conservavam abertas durante as 24 horas tinham três.

Além do repouso hebdomadário, havia ainda proximamente 15 dias de férias por ano. Os empregados das empresas que exigem um trabalho contínuo, tinham então esses dias substituídos por outros.

Foi sob este regime, que se conseguiu produzir o suficiente para abastecer toda a Europa. De forma que o Governo dos Soviéticos, a introduzir novo horário de trabalho, é porque provavelmente pretende agora inundar todo o mundo com os seus produtos.

## O PERIGO DO ORIENTE

Sob este título publicou O Comércio do Porto, no seu número de 13 do corrente mês, um artigo acerca da situação no Oriente, artigo que, a despeito de ter aparecido num jornal burguês como é aquele, não deixa por isso de ser sobremaneira interessante, sobretudo quando examina o plano do general Mand'huy, em cuja eficácia o articulista não acredita.

Transcrevendo tal artigo, A Batalha não deixará de pôr em confronto a atitude do Comércio do Porto com a de quasi todos os jornais burgueses de Lisboa, que se tem ocupado dos acontecimentos da Rússia por uma forma pouco inteligente, para não dizermos pouco honesta.

Depois das sangrentas provações da guerra, não se apresentam com risonho aspecto os grandes problemas da paz. Não deixou de si boa memória a mania de detalhes do tratado de Versalhes, que nem teve o mérito de deixar perduravelmente unidos os principais poderes que o instinto de conservação fez associar.

O ajuste de contas com o mais poderoso adversário não se fez com a habilidade suficiente para lhe não desperdiçar imediatos desejos de revanche, que a esta hora são mais do que evidentes, perante os erros e tergiversações dos aliados na questão russa.

Por outro lado, importantes e complicados problemas—como os do Adriático e da Turquia—ficaram em suspenso e irão agora ser resolvidos, deixando talvez agravados os germes dos históricos conflitos que têm originado. O embroglio balcânico, o desmembramento da Áustria, as rivalidades dos Estados bálticos-polacos, conduziram grande parte da Europa a um estado fragmentário propício aos mais variados conflitos e aos habéis maneios dos que acariciam sombrios projectos de desforças.

Para agravar o perigo que se desenha em todo o centro e oriente da Europa, aparece triunfante a nova ordem—ou desordem—de coisas na Rússia, perante a qual as potências do oriente, já hoje desunidas e dispersas, se vêem obrigadas a capitalizar, depois de dois anos de bloqueio mal conduzido e auxílios desconcertados aos elementos anti-revolucionários que, um a um, deixaram destruir as mãos das forças bolchevistas.

Não serve já de nada fazer amenda honorable, dizendo que as relações estabelecidas com o governo dos soviets são de feição puramente comercial e que essa decisão é determinada por uma evolução dos revolucionários russos que ninguém verifica terem posto de parte os seus princípios fundamentais. Não é sem razão que a imprensa estrangeira se inquieta com a consolidação da revolução russa atraindo rapidamente por toda a Sibéria, estabelecendo o contacto com os chineses, lançados as suas pontas para a Pérsia e Turquia asiática e olhando mesmo para os Balkans, por onde o atávico poder de expansão dos moscovitas procurará, sob a fórmula do imperialismo vermelho, a ambicionada saída para o Mediterrâneo. Este mesmo perigo se desenha no espírito do general Mand'huy, que, da mesma forma que Foch, antes de se assinalar na guerra, conclamamos já como pensador ilustre.

Este como a situação actual se apresenta ao distinto escritor militar.

ros choques entre o comunismo e a burguesia, que terminará no único resultado possível: o aniquilamento de um dos dois combatentes.

## Um delegado dos Soviéticos Russos em Espanha

Coincidindo com a publicação, por um grupo de espanhóis, dum manifesto de adesão à Terceira Internacional, esteve em Madrid um delegado directo dos bolchevistas russos.

Segundo El Sol, é de crer que a estada desse revolucionário comunista em Madrid tivesse por missão estender à Espanha a propaganda revolucionária e estabelecer entre a esquerda do socialismo espanhol e os comunistas russos, relações que até agora não existiam.

O autêntico bolchevista que, com maior sorte que Trotsky—pôsto que passou sem que as autoridades o notassem—visitou aquele país, percorreu com igual finalidade de proselitismo diversos países da Europa ocidental.

O seu nome é Borodin. E homem ainda novo, segundo os que com ele falaram, de singular cultura e muito conhecedor da política espanhola.

Terá consequências—as por ele apeteçadas—esta visita de Borodin?—diz ainda El Sol. Eis o que ignoramos. Simples informadores, limitamo-nos a dar aos nossos leitores esta nota informativa, que demonstra, sem dúvida, os esforços extraordinários que os comunistas russos realizam para estender o campo de acção de suas experiências.

No semanário socialista Nossa Palavra, órgão da Terceira Internacional, aparecem umas declarações de Borodin. Nelas define o que é a Terceira Internacional, formada pelos elementos mais audazes e activos do proletariado, que vêem a Internacional Comunista, não como possibilidade teórica da evolução final da sociedade, mas como o único instrumento capaz de salvar o mundo da ruína provocada pela classe capitalista.

Divide Borodin em três fases a acção da Terceira Internacional. A primeira caracteriza-se pela sciência que provocou na maior parte dos partidos socialistas; a segunda, que é a actual, por um período de organização dos elementos revolucionários; que aceitarão o seu manifesto; a terceira, que é a futura, e que Borodin que abrirá uma fase de du-

## CARTA DE BARCELONA

Felix Lorenzo e Lerroux

### Os patrões e a resistência operária

BARCELONA, 10.—Os leitores da Batalha conhecem o escritor espanhol Felix Lorenzo, que muitas vezes escreveu sobre Portugal. Tendo-lhe algum chamado a atenção sobre algumas inexactidões, viu-se no número de 26 de Janeiro de El Sol de Madrid, reconhecer varias falsidades com toda a diplomacia possível, ao mesmo tempo que inventava outras mentiras. Veja-se este parágrafo que extraiu-o dum dos seus artigos: «Cafu o governo e não se constituiu entraram o sr. Conceição da Costa e Augusto Dias da Silva, maximalista, e agora director do diário bolchevista A Batalha». Sabemos que um amigo residente em Londres, remeteu ao sr. Felix Lorenzo um número da Batalha, dizendo-lhe que este jornal é órgão da Confederação Geral do Trabalho de Portugal, que tal qual a Confederação de Espanha, com quem mantém as melhores relações, não admite a colaboração com o Estado, sendo, pois, impossível, ter à sua frente um político.

Os factos reais de potência são a Gran-Bretanha, a França e a Itália, que devem permanecer ombro a ombro e, depois, dos dois lados do ângulo formado pelo Reno e pelo Danúbio, as suas forças unidas e aliadas das potências aliadas desempenharão também um importante papel, ainda que secundário. Não existe, presentemente, órgão algum capaz de substituir o antigo poder centralizador de Roma e só por uma cooperação e coordenação íntima entre Londres, Paris e Roma, poderemos igualar a acção da antiga Roma. O perigo alemão deve continuar a ser evitado, sem se devendo perder de vista o milhão de soldados de que a Alemanha hoje pode ainda dispor. As diversas formações militares, com nomes fictícios, nem mais nem menos, cascos de futuros exércitos.

O general Mand'huy cre que a Alemanha tentará uma guerra de revanche logo que se sentir suficientemente poderosa, concluindo por ser exortar a permanecer em armas, se não quiserem sofrer a sorte de Roma, que cometeu o erro fatal de acreditar na boa fé dos antigos germanos, afrouxando a sua vigilância.

São, talvez, falazes os desejos de que no Ocidente se reconstitua o poder centralizador da antiga Roma, que consiga deter a onda que despenha do Oriente. Nas massas socialistas encontram-se simpatias os progressos da revolução russa, de modo que a recataguarda da linha de defesa preconizada por Mand'huy, o terreno vai sendo cada vez mais difícil estabelecer a unidade de vistas entre as potências do Ocidente. Os Estados Unidos reconheceram a independência do seu isolamento e lançam-se na conquista da preponderância comercial.

A Itália estreame sobre o vulcão por onde a revolução do Oriente ameaça abrir brecha no Ocidente. A Inglaterra realiza um milagre de equilíbrio, contendo as nacionalidades, cujo direito à vida própria arvorou em estandarte da guerra. A França, como penhor da ordem social no Ocidente, acha-se demasiado combatida. A frágil significação das eleições de Novembro vai-se de todo avolvendo. Clemenceau o fiador da vitória—teve que ser já imolado ao papo de demagogia alta para as mesquinhas exigências da Paz.

Assuntos para fundas meditações são, pois, os que se desenrolam no centro e oriente da Europa. Não se dirá que desde longos meses não tenhamos chamado para eles a atenção das gentes desaviasadas e inconscientes que não alargam os seus horizontes para além das comodidades e prazeres do dia de hoje.

Os choques entre o comunismo e a burguesia, que terminará no único resultado possível: o aniquilamento de um dos dois combatentes.

## O tratado ... da guerra

PARIS, 16.—A resposta dos aliados, acerca da entrega dos culpados consta que a Alemanha considera impossível cumprir o tratado de paz, por parte da Alemanha, sob a condição de se lhe impo os artigos 225 e 230 do tratado.

Os aliados reservam-se a liberdade de usar dos seus direitos; todavia tomam como ponto de partida, por parte da Alemanha, de instaurar pelo tribunal de Leipzig, os competentes processos, cercados das garantias mais completas, compatíveis com as disposições dos artigos 225 e 230 do tratado.

A comissão mista inter-aliada dará conhecimento à Alemanha das acusações que pesam sobre os culpados, sobre os quais um inquerito estabelecerá culpabilidade. Os aliados lembram formalmente que o processo proposto não pode em caso algum anular as disposições dos artigos 225 e 230 do tratado, reservando-se a apreciar a vista dos factos a boa fé da Alemanha e se o processo adoptado tivesse como consequência a definitiva libertação dos culpados ao castigo dos seus crimes, então os aliados levariam a questão ao conhecimento dos seus próprios tribunais.—H.

## Reclamações corporativas

OS operários manufatureiros de calçado da Guarda reclamam aumento de salário

GUARDA, 11.—A classe operária da Guarda vai a pouco e pouco despendendo do marasmo em que tem vivido. Assim, os manufatureiros de calçado preparam-se para pedir aumento nos seus reduziados salários, e os operários da construção civil tem-não seguir-lhes o exemplo.

Os operários da sapataria Simões & C., anteciparam-se nas suas reclamações, mas não viram coroação de êxito as suas apelações. Os proprietários daquela oficina alegando não podermos aumentar os salários sem que as restantes oficinas o fizessem também, pretendiam que os seus empregados elaborassem uma tabela que deveria servir de norma para as outras oficinas, mas eles não estiveram pelos ajustes e retiraram-se a Covilhã, de onde lhes mandaram o recer salário superior ao que eles aqui recebiam.

O proprietário da sapataria Albuquerque, sabendo desde cedo não esperou que os seus oficiais lhe pedissem o aumento e tirou este próprio de lhe oferecer, decerto para evitar que os operários seguissem o exemplo dos outros.

## AS GREVES

### Pessoal dos telefones

Continua no mesmo pé o movimento grevista deste pessoal, não havendo até a data nenhuma alteração sensível, pois que a Companhia, após a recepção da nota governamental, ainda não estabeleceu relações directas atinentes a conseguir a solução deste conflito, a despeito de vir de arrastar-se há 34 dias, sem que o pessoal se mostre desanimado, pois está repleto dum espírito de combatividade a toda a prova.

Convida-se, por estes factos, o pessoal a reunir hoje, pelas 13 horas prefixas.

Carpinteiros de branco dos Transportes Marítimos

Estão em greve os carpinteiros de branco dos Transportes Marítimos. Redem hoje os grevistas, pelas 14 horas, para se inteirarem da resposta dada à comissão do aumento de salário.

### Pessoal dos tabacos

Reúnem ontem a assembleia magna, resolvendo manter-se em luta até que as suas reclamações sejam atendidas. Entre outros assuntos, foi resolvido esperar que sejam chamadas as comissões para entabular negociações atinentes à resolução do conflito, como fiquem assente no princípio da greve. A sessão terminou aos vivas à greve, à C. G. T. e à Batalha.

Guimarães, 15. C.—Continuam lutando pelo aumento de salários estas duas classes.

Os operários barbeiros em vista da resolução tomada pelos seus patrões, que não concordam em dar-lhes mais que 40 réis por mês, mantendo o pessoal para custear o aumento de 50 réis.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Podem por isto os referidos operários para que os seus camaradas os auxiliem na sua luta por aumento de salário, procurando de preferência os seus pontos.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Proseguem os trabalhos para a liquidação do movimento dos operários cortadores e sarradores, no que está empreitada a U. S. O. desta cidade.

Prosegu



